O pichador das alturas

Rafaela Ely (Colaborou: Tiago Lobo)

“Prendemos o homem-aranha de Porto Alegre; pegamos ele no décimo terceiro andar de um prédio!”, anunciou o policial militar no Palácio da Polícia. Ele foi um dos brigadianos que flagraram o pichador LAK?, no sábado 21 de agosto, escalando,. de mãos nuas, 16 andares do Edifício Rua do Arvoredo, na esquina da Fernando Machado com a Borges de Medeiros.

LAK? deixou a casa onde mora com o pai e a avó no bairro São Lucas, em Viamão, para "dar uma banda” na Cidade Baixa com uns amigos da Capital. “Rola meio que um *point* lá, tá ligado? A gente se reúne pra trocar ideia, sair pra pichar e fazer amizade”. Nesse *point*, a turma com cerca de dez jovens encontrou "um gurizão da Zona Norte” que tinha tinta e queria "pegar um pico", como os pichadores se referem aos alvos de seus ataques.

Eles se dirigiram até as imediações da Santa Casa para pichar um prédio de oito andares. O plano fracassou. O segurança percebeu o que os rapazes queriam e os expulsou dali. Na saída, LAK? chutou um vidro. "Rasguei o dedo, tá ligado? Quase pegou o tendão, mas não dá nada. O bagulho saiu sangue, daí eu amarrei a meia no meu pé". O ferimento não estragou a noite do pichador. LAK? se lembrou de um prédio que havia estudado. "Tem um pico na Borges que eu já vi, vamos dar uma banda por lá", disse ele aos amigos.

Só alegria

Durante aquela noite fria, os jovens bebiam vinho seco. "A gente fumou um *beck* também, aí nós já tava muito louco." Cleber Maciel, o porteiro do prédio, conta que eles "estavam alterados. A rapaziada estava bebendo, se drogando, gritando.” E LAK? "tava aí com a gurizada, batendo recordes".

Cerca de cinco minutos depois da chegada ao prédio, o grupo começou a se preparar. As imagens da câmera de segurança externa do condomínio mostram que eles

caminhavam para cima e para baixo naquele trecho do Viaduto Otávio Rocha, arrumando o material necessário para o ataque. Às 3h50, munido com dois litros de tinta e um rolo dentro da mochila que levava às costas, LAK? escalou a lateral do edifício para deixar sua marca. "Nós vimos que o cara da fruteira tava rateando e pá, e o porteiro também, aí foi só alegria!"

Não consigo parar

LAK? trabalha como gesseiro junto com o pai e também é chapeador. Parou de estudar na quinta série. Seus pais são separados. A família sabe que ele picha, e soube de todas as vezes que foi flagrado. Eles não gostam. A mãe não fala nada. O pai é "meio bandidão". Fala que "pichação não era" e que "se for pra pichar, então aproveita e rouba a tinta" A avó odeia o envolvimento do neto nesse tipo de atividade. Apesar disso,quem o buscou na delegacia na maioria das vezes foi ela.

Ele começou a pichar com 15 anos, quando amigos o convidaram para um bonde recém criado. "No início eu pichava por diversão, hoje eu picho por vício mesmo. Vai passando o tempo e tu começa a pegar os picos, tu começa a sentir adrenalina. E adrenalina vicia, né, velho? Eu não consigo parar, é mais forte do que eu, tá ligado?". Ele diz que anda "meio parado" agora. A namorada, com quem está junto há dois anos e meio, é uma das responsáveis por essa mudança. Mas ela não sabe que LAK? sai por Porto Alegre.

O dono do mundo

A ideia de LAK? naquela noite era pichar o ponto mais alto do edifício de 17 andares: a caixa d'água. "O bagulho é lá na altura", exclama. Contudo, quando chegou ao 16º, deparou-se com um vidro na sacada que o impediu de continuar subindo. Subida essa que, para muitas pessoas, seria considerada impossível. "Eu subi até o penúltimo andar pelas sacadas, me agarrando em uma e na outra, com o dedo cortado e o tendão de fora, né. Amarrei a meia e, pum, subi legal", relembra o pichador. "Quando eu cheguei lá em cima, me senti o dono do mundo!"

A primeira *tag* foi feita do lado esquerdo da sacada. "Daí eu, pum, comecei a pegar descendo", diz ele. Para fazer a pichação, molhava bastante o rolo na tinta e começava a escrever. "Tipo, ali onde tem as madeiras é sereno, só segurava e me estendia." Mas as coisas ficaram mais complicadas. Para poder pichar dos dois lados da sacada, era necessário caminhar sobre uma estreita viga. "O foda era ali no concreto, que eu tinha que botar um pé na janela e um pé no concreto, caminhar até a ponta, depois pular e ficar só no concreto e ficar *acocado* com a mão na parede e descer o rolinho. Essa foi a parte mais difícil, cara."

Na cara-dura

Estar há quase cinqüenta metros do chão não assustou o guri. "Não senti medo porque esse foi o terceiro de altura grave que eu fiz." Para essa turma, altura grave são quinze andares ou mais. Menos do que isso é fichinha. O recorde de LAK? é um edifício de 30 andares, o Coliseu, no centro de Porto Alegre. Apesar da altura, esse foi mais fácil, pois LAK? e sua galera entraram por dentro, em uma ação durante o dia. Ele conta que nessas situações, eles vão na "cara-dura". Inventam alguma história para o porteiro se ele perguntar alguma coisa, caso contrário passam "batido", entram no elevador e vão direto para o último andar. Quando chegam lá, usam um pé-de-cabra para arrombar a porta que dá para a sacada e começam a operação.

Não foram apenas os edifícios Rua do Arvoredo e Coliseu os alvos de LAK?. Dois prédios na Salgado Filho, Otávio Rocha, José do Patrocínio, além do Bar Opinião também foram pichados por ele. O jovem não lembra exatamente quantas vezes foi preso, umas 12, acha. Em todas elas, foi detido e liberado depois. "Foram 10 B.O.s de menor e dois de maior", calcula.

Ele explica que a grande diferença do grafitti para a pichação, ou *bomb*, como eles chamam, é que o grafitti é legal. Há uma autorização do responsável pela propriedade para o uso artístico. A pichação não. Não importa o quão bonito ou feio é o resultado da obra, é vandalismo. “Se o cara pega tu aí pichando, tu toma cana” esclarece LAK?

Caiu a casa

Uma guarnição da polícia parou na Borges a procura de LAK?. Ele estava no 14º andar. "Ficaram olhando lá pra cima porque já tinham caguetado, tá ligado?" Durante o tempo em que os policiais estavam por perto, o rapaz ficou abaixado para não ser visto "Eles pararam, olharam, conversaram e largaram. Quando eles largaram, eu continuei pichando".

Mas seu anonimato não durou muito tempo "Eu tava deitado. Parou um carro da Civil e um da Brigada. E tinha uns cabeça na rua, acho que foram eles que chamaram a polícia" lembra ele. A câmera de segurança do hall de entrada mostra dois policiais militares entrando no prédio às 4h24. Poucos minutos depois o porteiro Cleber acompanha um deles no elevador até o sexto andar. Às 4h35, mais dois policiais foram de encontro ao pichador para efetuar a prisão.

LAK? estava deitado na sacada do sétimo andar. "Quando eu levantei a cabeça pra olhar como é que tava, eles já tavam embaixo e já falou 'ô, meu, desce que caiu a casa, pega teu material.'" Ele tinha consigo a mochila e segurava o rolinho. "Chutei a mochila pro lado e falei 'ó, meu, tenho só o rolinho'. Daí ele falou 'tá, então desce'. Eu desci e pá e saí algemado por dentro do apartamento". O pichador saiu pelo apartamento 605, onde moram jovens. Àquela hora, Cleber achou melhor deixar os moradores mais velhos em paz. Às 4h40, LAK? saiu algemado do prédio, acompanhado por quatro policiais. A ação da BM impediu que o garoto completasse seu nome. A letra K e o ponto de interrogação não foram pichadas. A turma que ficou no chão também não conseguiu tirar registrar o ato por que a câmera fotográfica falhou.

Para que suas pichações não sejam reconhecidas pela polícia, LAK? usa uma artimanha. Além de nome completo, endereço, idade e todas outras informações que as autoridades pedem na hora da prisão, eles também perguntam qual o codinome do pichador. LAK? mente e diz que assina como *Kanaike*. Isso porque, "se tu passar pro lado de Viamão, só tem pichação nossa." Ele tem o cuidado de pichar apenas propriedades privadas. "O prédio da Borges e patrimônio privado, não é público. Se fosse público, eu tava fudido".

Esse é o nosso esporte

"Eu gosto de altura!", afirma veemente o pichador. "Nós somos um tipo de alpinista. Esse é o nosso esporte, tá ligado? Nós subimos lá e deixamos nossa marca." Ele diz que não picha para que as pessoas olhem e pensem que são apenas rabiscos. Ele picha para que as pessoas que conhecem esse universo admirem seu trabalho. "A pichação não se comunica com a sociedade, ela só se comunica entre a pichação". LAK? afirma que também há competição nesse "esporte". O "quebrão" é quando um pichador quebra a pichação de outro. "Tipo, eu vou ali e pego o terceiro andar, o cara vai no quarto e bota em cima de mim. Eu vou ter que voltar pra botar em cima dele, né, meu." E nessa disputa, "o céu é o limite".